ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO ACERVO ARQUEOLÓGICO DA UHE BALBINA, AMAZONAS

Guilherme Viana[1]
Rhuan Carlos Do Santos Lopes[2]
Rhuan Carlos Dos Santos Lopes[3]

RESUMO

Tendo em vista os aspectos relativos à conformação da Arqueologia no Brasil, o exercício das pesquisas Arqueológicas na Amazônia, e os trabalhos desenvolvidos no licenciamento ambiental, este resumo apresenta os resultados do projeto de pesquisa que, por sua vez, teve como objetivo de realizar levantamento de documentos primários produzidos ao longo do salvamento arqueológico da Usina Hidrelétrica de Balbina, no estado do Amazonas. A usina é parte das obras de infraestrutura projetas no governo militar brasileiro e assentadas no discurso desenvolvimentista. Localizado no município de Presidente Figueiredo, no Amazonas, a UHE de Balbina foi construída sobre o Rio Uatumã, com obras iniciadas em 1981 e concluídas em 1988. Entre 1987 e 1988, executou-se o Programa de Pesquisa e Salvamento do Patrimônio Cultural e Arqueológico na Área do Reservatório da UHE Balbina (SAUHEB), possibilitando a identificação 143 (cento e quarenta e três) sítios arqueológicos e os resgate de aproximadamente 1.503.00 (um milhão e quinhentos e três mil) objetos. Para atender a demanda de curadoria desse acervo, acondicionado de maneira inadequada desde a década de 1990, faz-se necessário a busca da documentação produzida ao longo da execução das escavações, no sentido de reconstruir os dados históricos da pesquisa arqueológica. O trabalho foi realizado junto aos arquivos aos arquivos do instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em bibliotecas publicas da cidade de Manaus e a partir de entrevistas com os pesquisadores que conduziram as investigações de campo e de laboratório.

Palavras-chave: história da arqueologia arqueologia Amazônica curadoria de acervo arqueológico .

UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, guiviana.22@outlook.com[1]
UNILAB, Instituto de Humanidades, Docente, rhuanlopes@unilab.edu.br[2]
UNILAB, Instituto de Humanidades , Docente, rhuanlopes@unilab.edu.br[3]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa teve a finalidade de realizar levantamento de documentos primários produzidos ao longo do salvamento arqueológico da Usina Hidrelétrica de Balbina, no estado do Amazonas. A proposta está associada ao projeto *História e memória do acervo Arqueológico da UHE Balbina, Amazonas*, financiado pela Eletrobras e Inside Consultoria Científica Ldta. A pesquisa foi coordenada por Rhuan Carlos dos Santos Lopes, docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), juntamente com Juliana Santi, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e os estudantes Guilherme Viana, graduando em Antropologia na Unilab, e Roberta Rosa, graduanda em Arqueologia (UNIR).

A pesquisa teve em vista os aspectos relativos à conformação da Arqueologia no Brasil, o exercício das pesquisas arqueológicas na Amazônia, e os trabalhos desenvolvidos no licenciamento ambiental. A UHE de Balbina foi construída sobre o Rio Uatumã, com obras iniciadas em 1981 e concluídas em 1988, ano em que começou operar. A usina é parte das obras de infraestrutura projetas ainda no governo militar brasileiro e assentadas no discurso desenvolvimentista (THOMÉ, 1993) .

As dimensões do empreendimento, incluindo sobretudo o lago formado pelo fechamento das comportas, afetou diretamente o povo *Waimiri-Atroari*, notadamente pelo deslocamento compulsório decorrente da inundação de aproximadamente 75% do território indígena (BAINES, 1994) . Desse modo, Balbina está inserida na dinâmica de projetos de salvamento arqueológico em áreas de inundação de usinas Hidrelétricas construídas na década de 1980, e com impactos semelhantes (CALDARELLI, 2015). Na mesma década ocorria a consolidação da Arqueologia no Brasil, bem como a gradativa inflexão nos debates sobre a ocupação na Amazônia.

METODOLOGIA

Segundo a proposta do projeto, metodologicamente, a pesquisa consistiu na busca sistemática de informações, fundamentada na perspectiva de integração metodológica entre a História e a Arqueologia. Assim, a escolha das instituições arquivísticas e a posterior seleção e análises da documentação primária (BARCELLAR, 2008) e das entrevistas partem da problemática do projeto. A pesquisa em Arqueologia gera diferentes tipos de documentos, destinados ao registro de dados de campo e de laboratório, tais como: fichas e planilhas de registro, escavação, croquis, mapas, inventário de material arqueológico coletado, fotografias, diários de campo, relatórios, planilhas com atributos de análise, fotografias após a curadoria do acervo, resultados de datações.

Além de sua relevância para contextualização dos dados arqueológicos, essa documentação importa para a história da pesquisa arqueológica, conforme aponta Catarina Silva e Francisca Lima (2007). Ainda segundo estas autoras, a documentação primária possui caráter público e devem estar disponíveis à consulta. Apesar disso, em geral, os instrumentos legais acerca da pesquisa arqueológica não eram específicos quanto à

ISSN: 2447-6161

atenção necessária ao arquivamento da documentação primária. Contudo, a guarda desses registros é de responsabilidade do IPHAN, em suas regionais e na área central: pedidos de autorização/permissão para pesquisas arqueológicas; portarias publicadas no DOU; projetos de pesquisa; relatórios de pesquisa (contendo o registro de dados de campo e laboratório); laudos; pareceres. Esse material faz parte da concepção ampla de registro arqueológico, ao lado dos vestígios físicos identificados em sítio (SILVA; LIMA, 2007).

Essa documentação, portanto, foi levantada nos arquivos da Superintendência do IPHAN de Manaus, primeiro através da consulta ao Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico (SGPA) e, depois, aos documentos disponíveis no Sistema Eletrônico de Informações (SEI) da instituição. Paralelo a isso, realizamos levantamento nas bibliotecas públicas da cidade, em busca de periódicos que circulavam no estado do Amazonas, dentro do nosso período da execução das obras de Balbina e do salvamento arqueológico, considerando as características e alcance desses jornais. Em razão do tempo da execução da pesquisa, selecionamos um periódico de ampla circulação no estado, denominado *A Crítica*.

Além disso, realizamos entrevistas, no intuito de buscar informações e despertar interesse por parte do entrevistado (ARCE, 2000). As entrevistas não foram finalidades em si, mas direcionadas pelo objetivo da pesquisa e não estão dissociadas. Buscou-se, para isso, os nomes dos pesquisadores que atuaram no salvamento arqueológico e nas análises do material coletado. Com isso, buscamos informações que indiquem seus acervos particulares.

Por fim, o material bibliográfico foi registrado em quadros, sintetizando os dados da publicação e seu resumo. A documentação primária foi organizada de acordo com os acervos consultados. As entrevistas são referidas em texto, pois não realizamos a gravação em voz ou vídeo, e o objetivo foi de localizar os acervos que podem conter documentos referentes ao SAUHEB. Foi realizado trabalho de campo, nas cidades de Manaus e Presidente Figueiredo, no estado do Amazonas, entre os dias 30 de setembro e 05 de outubro de 2019; bem como atividades de sistematização de dados, debate de textos e orientações sobre a pesquisa (pós-campo). No decorrer do estudo de campo, outras atividades foram surgindo sendo elas imprescindíveis para a pesquisa como os encontros de formação com o orientador, estudar o problema da pesquisa através de outros materiais como artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades de pesquisa em campo ocorreram no estado do Amazonas, conforme indicado acima. A biblioteca pública de Manaus foi um dos locais onde realizamos a pesquisa nos dias 30 de setembro e 05 de outubro de 2019. O material pesquisado foi o jornal “A Crítica”, nas edições entre os meses de janeiro a abril de 1987. O motivo para pesquisarmos o jornal é decorrente ao seu alto consumo entre a população, o número

ISSN: 2447-6161

um no Amazonas, e pela sua produção durante o ano de 1987, ano do início das pesquisas arqueológicas da UHE Balbina.

A pesquisa também se previa a realização de entrevistas com as/os pesquisadoras/es que conduziram as investigações de campo e laboratório. No período do campo, entrevistamos Arminda Mendonça de Souza, tendo em vista a sua contribuição na pesquisa de Balbina. Arminda foi coordenadora do grupo de arqueólogos que fizeram parte da escavação e do processo de análise do material escavado entre o período de março a dezembro de 1987.

Posteriormente, realizamos a pesquisa no arquivo público de Manaus na busca pela a documentação do Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas (CEDPHA) nos anos de 1987-1988. Com exceção do Arquivo Público do Estado do Amazonas, em todas as outras instituições e acervos particulares foi possível registrar dados primários (documentais) ou bibliográficos sobre a UHE Balbina. Por fim, realizamos visita técnica na Vila Balbina, no município de Presidente Figueiredo, onde pudemos verificar *in loco* o museu com o material das escavações que ocorram entre 1987-1988.

Após a análise dos dados coletados, e tendo em vista o olhar interseccional sobre os sujeitos entrevistados, e dos espaços onde a pesquisa se fez, podemos fazer alguns apontamentos. As pesquisas realizadas na Biblioteca Pública no jornal A Crítica, de janeiro a abril de 1987, evidenciaram a falta de divulgação sobre Balbina, já que não se encontravam muitas matérias sobre o tema, e as matérias encontradas não continham informações que interessassem à pesquisa.

Durante a entrevista com Arminda, ela nos confirma que no período de 1987 não se mencionava praticamente nada sobre Balbina. No jornal A Crítica encontramos no dia 23 de janeiro de 1987 uma pequena matéria sobre o CEDPHA e a Eletronorte, apontando a existência do convênio de cooperação técnica e científica para a realização de pesquisa e salvamento arqueológico.

Esse é um dos dados que se tinha sobre Balbina, informando a pesquisa e o salvamento arqueológico que aconteceu em 1987, mas não continham referências sobre a construção da usina, ou de seus impactos sociais e ambientais, ou mesmo sobre o processo de pesquisa e salvamento arqueológico que estava acontecendo. Ainda no mesmo jornal, encontramos algumas matérias com um discurso desenvolvimentista, sobre a necessidade de luz elétrica e sobre alguns casos de apagões, fomentando ideias acerca da usina hidrelétrica. Mas de modo geral o jornal pesquisado não tinha muitas informações em relação a Balbina, sendo assim, interpretamos como um silenciamento/apagamento sobre esse processo. Ou seja, uma seleção de fatos que não informavam sobre o empreendimento, levando ao apagamento da memória.

Esses dados, porém, são encontrados nas entrevistas com a Arminda. Partindo da sua experiência com o campo, ela informou sobre o cancelamento da pesquisa e do salvamento arqueológico que se encontravam nos processos de análise do material escavado. Desse modo os arqueólogos não conseguiram concluir os processos de análise, causando uma grande perda de dados. Enquanto a entrevista acontecia, Arminda forneceu um mapa dos sítios arqueológicos identificados na época, algumas fitas VHS com conteúdos relacionados a Balbina, uma revista de arqueologia, e um CD com slides sobre Balbina. Desse material

ISSN: 2447-6161

fornecido por Arminda algumas fitas e o CD estavam danificados, e sem nenhuma possibilidade de recuperação em relação as demais fitas, elas ainda passaram por uma análise de dados.

Após a visita ao museu Balbina foi possível confirmar alguns dados informados por Arminda sobre o estado na qual se encontravam o acervo arqueológico. Arminda relatou sobre o que aconteceu com o material depois que as pesquisas foram canceladas. Além dos cadernos de campo que não estão no IPHAN, logo desaparecidos, esse processo que podemos ler como um apagamento foi possível perceber no museu. Mais de 1.500.000 peças que foram escavadas estavam lá do mesmo jeito que Arminda tinha descrito. Todas as peças foram colocadas em sacolas de plástico dentro de sacos de panos, sem nenhum cuidado com o material, com a maioria sem informação de procedência.

A pesquisa no arquivo público não se mostrou muito eficaz, sendo assim, não foi possível encontrar documento referentes ao CEDPHA. O único material disponível no ano de 1987 foi o do Governo do Estado do Amazonas “Mensagem à Assembleia Legislativa”, e no qual não se encontravam informações sobre Balbina.

Outro tipo de material coletado foram os documentos primários ou fontes primárias, que dizem respeito a criação do documento com fins de registro de diferentes tipos de atividades, tais como administrativas, políticas, jurídicas, cartoriais, médicas, hemerotecas, científicas, etc. (BARCELLAR, 2008). Para a pesquisa que desenvolvemos, nosso interesse diz respeito ao material produzido para documentar tanto as atividades arqueológicas em campo e laboratório, quanto os trâmites burocráticos entre o IPHAN, o CEDPHA e equipe de arqueólogos do SAUHEB. Esses documentos primários foram localizados em acervos privados ou institucionais. Quanto aos primeiros, foram identificados ao longo das entrevistas, junto a dois arqueólogos vinculados ao SAUHEB: Arminda Mendonça de Souza, coordenadora da etapa de campo realizada em 1987.

No âmbito institucional, foram selecionados documentos no IPHAN, referentes à pesquisa arqueológica do SAUHEB. O IPHAN, após formalização de pedido via correio eletrônico, encaminhou cinco processos correntes na Superintendência. Em todos há referência direta à UHE Balbina, sendo que em dois deles há ofícios nos quais se busca pela documentação primária produzida no âmbito do SAUHEB. Segundo esses processos, em particular o de número SEI 01490.000106/2004-33, menciona-se a ausência de parte dos registros de dados de campo e de laboratório produzidos no SAUHEB. Contudo, na Informação Técnica nº.01/2004 COPEDOC/IPHAN RJ, 16/08/2004, indica-se que no Arquivo Noronha Santos, no Rio de Janeiro, e integrante da administração do IPHAN, encontra-se a documentação existente sobre a UHE Balbina e as pesquisas arqueológicas. Nos anexos I e II desta Informação Técnica há a lista de documentos presentes no referido arquivo, a síntese de alguns deles (registradas em fichas de análise), e a reprodução de outros. Porém, não há cópias de todos os arquivos referentes ao SAUHEB.

CONCLUSÕES

A pesquisa demonstrou a escassez de informações acerca dos documentos sobre a Arqueologia em UHE Balbina, causada notadamente pela dispersão dos documentos primários produzidos na década de 1980 e

ISSN: 2447-6161

pelo estado fragmentário dos documentos conhecidos. Porém, mesmo que parcialmente, todo esse material que conseguimos obter através das pesquisas e entrevistas com os pesquisadores que conduziram as investigações de campo e laboratório das escavações arqueológicas puderam nos levar ao objetivo de reconstruir os dados histórico da pesquisa arqueológica. Entretanto, a pesquisa também nos conduziu à constatação do abandono do acervo.

AGRADECIMENTOS

A construção e realização desse projeto envolveu muitas pessoas, e todas elas desenvolveram um trabalho de excelência. Agradeço ao professor Rhuan Lopes pela parceria e oportunidade de vivenciar esse campo que contribui de forma significativa para minha formação enquanto pesquisador. Foi gratificante e prazeroso trabalhar ao seu lado. Agradeço também a Inside Consultoria Científica e a Eletrobras pelo seu trabalho com essa pesquisa. E agradeço a Arminda Mendonça de Souza e a todes que contribuíram com suas narrativas e acervos para realização desse projeto.

REFERÊNCIAS

ARCE, R. S. La entrevista en el trabajo de campo. **Revista deAntropología Social,** v. 9, p. 105-126, 2000.

BAINES, S. G. A Usina Hidrelétrica de Balbina e o Deslocamento Compulsório dos Waimiri-Atroari. **Série Antropologia,** v. 166, p. 1-15, 1994.

BARCELLAR, C. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (Ed.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p.23-80.

CALDARELLI, S. B. Arqueologia preventiva: uma arqueologia na confluência da Arqueologia Pública e da avaliação ambiental. **Habitus,** v. 13, n. 1, p. 5-30, 2015.

SILVA, C. E. F. D.; LIMA, F. H. B. A preservação dos registros documentais de Arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional,** v. 33, p. 175-287, 2007.

THOMÉ, J. L. **Hidrelétrica de Balbina: um fato consumado**. 1993. 189 Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Univserdidade Federal de Santa Catarina, Florianopólis.

ISSN: 2447-6161

ISSN: 2447-6161